

#ShowdoPavão e Flusser: as imagens-técnicas na era da pós-verdade¹

Tasso Gasparini de SOUZA²

Johanna Inácia HONORATO³

Fábio Gomes GOVEIA⁴

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

As imagens que circulam nas redes sociais possuem as características do que Flusser chamou de “imagens-técnicas” (2008). Este trabalho se propôs ao desafio de empregar esse conceito às imagens que circularam na rede social Twitter a partir da *hashtag* #showdopavão. Foram analisadas 2.596 imagens objetivando identificar as mais viralizadas e descobrir se os memes (SHIFMAN, 2013) são um instrumento para construção de pós-verdades. Para as análises desenvolvemos visualizações das imagens a partir do conceito de “*cultural analytics*” (ROGERS, 2015). A conclusão que chegamos é que os dispositivos de circulação de imagens nas redes sociais corroboram com o conceito de imagem-técnica flusseriano. Isso facilita a propagação de teorias conspiratórias que possuem pouca ou nenhuma relação com a realidade, mas que ganham relevância e circulam ao usar os elementos estéticos da memética de maneira eficiente.

PALAVRAS-CHAVE: *cultural analytics*; Memes; Redes Sociais; Pós-verdade; Visualização de Dados.

Introdução

No dia 9 de junho de 2019, o site jornalístico The Intercept Brasil começou a publicar uma série de reportagens⁵ sobre os bastidores da Operação Lava-Jato, que desde 2014 investiga desvios de recursos públicos e levou à prisão de empresários, empreiteiros e políticos - incluindo os ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Michel Temer. As reportagens do The Intercept Brasil foram baseadas em uma série de documentos - mensagens de áudio, vídeo e texto - originados de serviços de mensagem online, como

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo, e bolsista Capes. E-mail: tassogasparini@gmail.com.

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: johanna.honorato@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo. Professor visitante da City University of London, no Reino Unido.. E-mail: fabioqv@gmail.com ou fabio.goveia@ufes.br.

⁵ Disponível em: <https://theintercept.com/2019/06/09/editorial-chats-telegram-lava-jato-moro/>.

Telegram e Whatsapp. As mensagens explicitam, entre outras coisas, a troca de informações entre o procurador do Ministério Público Federal Deltan Dallagnol - responsável pelas investigações da Força-Tarefa da Lava-Jato -, e o então juiz federal Sérgio Moro – magistrado responsável pelos julgamentos da operação. Ambos ficaram conhecidos nacionalmente e internacionalmente pelas suas atuações em operações de combate à corrupção e acabaram por se tornar “heróis” de grande parte da população brasileira.

A dupla (procurador/juiz), assim como demais integrantes da Lava-Jato, passaram a gozar de prestígio especialmente entre aqueles que se identificavam com ideais de direita e com o chamado “antipetismo”, a oposição aos ex-presidentes Lula e Dilma Rousseff e ao Partido dos Trabalhadores (PT). As conversas divulgadas apontam possíveis irregularidades nos procedimentos da operação Lava-Jato, fortalecendo a tese de que o julgamento e a condenação do ex-presidente Lula foram políticos e não técnico-jurídicos. Para muitos as conversas reveladas pelo The Intercept Brasil colocaram em xeque o discurso de que a Lava-Jato agiu de maneira imparcial. Outro fato precisa ser considerado: o juiz Sérgio Moro foi o responsável pela sentença condenatória de Lula - fato que impediu o líder do Partido dos Trabalhadores de concorrer à presidência da República em 2018 quando as pesquisas de opinião o colocavam à frente na disputa. Depois da eleição Moro abandonou a toga e aceitou o cargo de Ministro da Justiça no governo do presidente Jair Bolsonaro, declaradamente adversário político do PT. Esses fatos, somados às mensagens divulgadas pelo The Intercept Brasil, acabaram maculando a imagem da Lava-Jato junto à opinião pública.

Com a repercussão das reportagens, grupos de apoiadores de Sérgio Moro começaram a tentar desqualificar as mensagens e o The Intercept Brasil, dando início a uma disputa de narrativas entre os dois lados. Neste trabalho analisamos um evento específico nessa guerra de palavras e imagens. Trata-se do “Show do Pavão”. A partir do estudo de cerca de 2.500 imagens compartilhadas com a #showdopavão no Twitter entre 16 e 22 horas de 16 de junho aproximamos o conceito de “imagem-técnica” (FLUSSER, 2008) ao de “*cultural analytics*” (MANOVICH, DOUGLASS, ZEPPEL, 2011; ROGERS, 2015) para compreensão do fenômeno da “era da pós-verdade” (SANTOS, 2019) a partir do estudo de imagens, especialmente dos memes (SHIFMAN, 2013). O nosso principal objetivo é investigar o fenômeno do uso da memética como dispositivo de disseminação de desinformação - mais conhecida como *fake news*.

Metodologia

A metodologia aplicada na coleta e processamento das imagens utilizadas nesse artigo foi desenvolvida pelo Laboratório de Estudos sobre Imagens e Cibercultura (Labic/Ufes). Por meio do script Ford, desenvolvido dentro do próprio laboratório, foi realizada a coleta dos tweets relacionados à *hashtag* #showdopavão no período da tarde e noite do dia 16 de junho de 2019, gerando um arquivo .csv.

Após a coleta dos tweets, deu-se início ao procedimento de coleta das imagens: por meio de outro script chamado WebCrawler, foram identificados dentro do arquivo .csv os tweets que contivessem links de imagens, entregues pela API do Twitter na coluna “media_url”. A partir desses links, o script consegue recuperar todas as imagens publicadas durante o período delimitado, armazenando-as em uma pasta do computador. Com as imagens coletadas, foram geradas visualizações a partir do ImageCloud, desenvolvido também pelo Labic. O script permite a visualização de imagens na ordem de leitura tradicional ocidental (de cima para baixo, da esquerda para a direita), e tem como vantagem o fato de não sobrepor as imagens. O parâmetro pelo qual as imagens serão dispostas pode ser definido pelo pesquisador, bastando estar presente em uma tabela de Excel, junto aos nomes dos arquivos de cada imagem.

Outra visualização gerada foi a Pulsão de Imagens⁶, criada utilizando a linguagem JavaScript a partir da biblioteca D3.js (*Data-Driven-Documents*). Ela tem como principais elementos analíticos as cores predominantes das imagens, e as interações destas ao longo do tempo, como número de curtidas e retweets. A visualização funciona a partir de um servidor web. O período temporal em horas está abaixo do eixo “X”, que mostra uma escala cromática indo do branco ao lilás; o volume de compartilhamentos da imagem é o eixo “Y”; o diâmetro do círculo que representa cada imagem aumenta ou diminui em função da popularidade do tweet no qual a imagem está vinculada. O usuário pode analisar cada período clicando no controlador e avançando ou retrocedendo a sua exibição. O ícone play exibe a visualização de modo automático. Caso o usuário queira analisar o tweet de origem da imagem basta clicar no círculo e a publicação será aberta em outra aba do navegador que estiver usando.

Por fim, as imagens também foram processadas a partir do script AISI (*Automatic Identifier of Similar Images*), desenvolvido pelo Labic. A aplicação funciona a partir do

⁶ Visualização interativa disponível em: <http://www.labic.net/pulsao/?showpavao>

software MatLab e identifica parâmetros de semelhança entre imagens, permitindo encontrar imagens iguais em um conjunto. O usuário define o grau de “exigência” que o programa irá utilizar, isto é, quão preciso ele será na análise das imagens. Com esses dados foi possível realizar visualizações e observar quais foram as imagens mais republicadas, mesmo que elas tenham sido publicadas em uma nova postagem.

As imagens-técnicas nas redes sociais

Muitos debates têm ocorrido por conta de todas as transformações que as novas tecnologias de informação e comunicação proporcionaram à sociedade especialmente nas últimas duas décadas. Desde a consolidação da Internet como sistema global de interconexão, a partir dos anos 1990, observamos movimentos pendulares de análises. Se algumas vezes pesquisadores trataram a rede mundial de computadores como um sistema libertário, por outras chamaram de um grande risco para a humanidade. Vivemos esse dilema até hoje.

Nosso interesse nesse artigo é analisar como a própria ideia revolucionária de conectar pessoas, empresas, partidos políticos, movimentos sociais e *tutti quanti* sem intermediários tornou-se o calcanhar de Aquiles da sociedade contemporânea. Seguiremos esse caminho, mas não sem antes alertar que estamos nos equilibrando no fio da navalha: tecemos essa análise enquanto os eventos ainda estão em curso. As divulgações dos diálogos que podem comprometer a credibilidade da Lava-Jato parecem que irão continuar por um longo período, ao que tudo indica. Assim com as redes de defesa de Sérgio Moro também não dão sinais de arrefecimento. Todo esse terreno é movediço e em certos momentos se abre sob nossos pés, nos impondo a uma queda rumo ao desconhecido.

Por isso nos soa tão familiar a observação de Vilém Flusser (2014) sobre a dificuldade de produção de conhecimento em tempos de rupturas. Os investigadores acabam por transitar em terrenos movediços que podem tanto nos fazer avançar de maneira mais rápida – quando tentamos um empuxo extra para superar um problema – ou nos tragar para a imobilidade. Flusser destacou a capacidade que o poeta Charles Baudelaire teve em antever o impacto do surgimento da fotografia na sociedade – isso ainda em meados do século XIX.

“A História continua fluindo. Ela flui cada vez mais rapidamente; dividindo-se cada vez mais; acontecendo cada vez mais. A consciência histórica é como um coelho. Produz cada vez mais, e mais e mais

acontecimentos. Os acontecimentos precipitam. É assim que vemos a coisa hoje, após 150 anos. Mas outrora alguns grandes homens, como Baudelaire, já a tinha visto assim, quando lhes mostraram a primeira câmera fotográfica. Há gente com uma visão tremendamente clara. Quando descrevo isso, não é nenhum feito. Estou chegando depois do acontecido. Mas quando alguém vê isso no decorrer da coisa, é genialidade” (FLUSSER, 2014, p. 211-2).

É esse desafio de lançar luz sobre o tempo presente que nos move. Flusser nos alertou ainda que temos demasiado apego a uma sociedade em franca e inexorável “decadência”, enquanto que na verdade deveríamos nos concentrar na “emergência da sociedade”. Ele observa que a revolução por que passamos é técnica, não política e, assim, quem se engaja politicamente “deve se haver não com as formas sagradas, mas com as novas técnicas” (FLUSSER, 2008, p. 66-67).

Deste modo, o estudo das imagens que circulam nas redes sociais sob formas de memes nos coloca diante de um dos objetos-do-futuro que Flusser teorizava ainda no início dos anos 80: as imagens-técnicas. Vamos nos lançar ao desafio de investigar os memes do #showdopavão a partir da ótica de leituras flusserianas. Isso porque hoje é impossível imaginar os movimentos políticos e sociais relevantes em qualquer cenário sem levar em consideração o impacto das imagens-técnicas (FLUSSER, 2008): vídeos ao vivo, as chamadas “lives”, pequenos pedaços de nossas experiências, fotos de viagens ou do prato favorito, cartazes de eventos ou memes das celebridades instantâneas. Tudo o que norteia o debate público parece estar reunido nas redes sociais digitais em forma de imagens.

Mas para trabalhar grandes volumes de imagens-técnicas que circulam em redes sociais é necessária uma metodologia que pense o estudo de conteúdos nativamente digitais, o que Richard Rogers (2015) chama de “métodos digitais”. Rogers aponta que muitos estudos realizados com os conteúdos que circulam digitalmente se baseiam em técnicas de análise previamente existentes, e por isso não poderiam dar conta desses elementos em toda sua extensão. Considerando o volume de imagens-técnicas que atualmente é produzido e circulado nos meios digitais⁷, o uso de visualizações de imagens torna-se uma opção viável, ao permitir que se percebam as imagens em relação umas às outras, e como se estabelecem suas dinâmicas de compartilhamento e republicação. O uso de algoritmos computacionais para a leitura de tais imagens é uma forma de desconstruir a

⁷ Em 2013, apenas três anos depois do lançamento do Instagram a rede social já havia compartilhado cerca de mais 16 bilhões de imagens oriundas de cerca de 130 milhões de usuários. Ver mais em HOCHMAN & MANOVICH, 2013. Disponível em <https://firstmonday.org/article/view/4711/3698#2>.

técnica e reorganizar os feixes que compõem as “superfícies imagéticas” (FLUSSER, 2008).

Os dispositivos técnicos deram potencialidade para que as imagens (técnicas) fossem recombinadas. De certa forma, a criação das visualizações permite que registremos as movimentações da rede em novas imagens, surgidas de um processo de bricolagem digital. Isso também é forma de registrar todas essas movimentações das imagens em história. Se o fotógrafo está limitado a querer apenas aquilo que o aparelho pode realizar (FLUSSER, 2008), o ato de criar as visualizações com múltiplas imagens é mais um ato de luta do produtor de imagens contra o programa. Afinal, para que as visualizações utilizadas nesse artigo fossem possíveis, foi necessária uma série de acertos e modificações nos códigos que as geraram. Foi preciso ampliar os limites do aparelho (aqui representado pelos códigos computacionais, como Python e MatLab) para que se adequassem ao gesto desprogramador dos pesquisadores em sua produção de imagens. O programador é um fotógrafo sem câmera.

Contudo, é necessária certa distância para manter a superficialidade das visualizações, como seria para qualquer imagem (FLUSSER, 2008). A leitura das visualizações quebra o divertimento da leitura superficial tradicional das imagens-técnicas isoladas. É o que transforma o emaranhado de pontos que compõem a visualização em imagens individuais. A partir do momento em que o pesquisador identifica o padrão comportamental das imagens dentro de uma visualização ele pode desenvolver novas leituras para a bricolagem de superfícies. Por isso, além de observar as imagens, buscamos neste trabalho estudar um subconjunto no qual estejam agrupadas as imagens consideradas meméticas.

Entendemos esse processo de memetização como um aspecto visível das tecnoimagens ou das “imagens-técnicas” (FLUSSER, 2008). Limor Shifman (2013) define o meme de internet como: “(a) um grupo de itens digitais compartilhando características de conteúdo, forma e/ou postura em comum, (b) e que foram criados cientes uns dos outros, (c) e são circulados, imitados, e/ou transformados por meio da internet por diversos usuários” (SHIFMAN, 2013, posição 455).

Os dados deste trabalho mostram que os memes são um campo de disputa especialmente sensível do debate político contemporâneo. Quando a disputa pela verdade não faz mais sentido, uma vez que vivenciamos uma “orgia de opiniões” (SANTOS, 2019), o impacto

de uma mensagem direta, chamativa, com uma imagem forte é suficiente para ganhar o impulso do compartilhamento. E, assim, se consolidar como informação relevante.

(...) o direito a ter opinião expandiu-se sem precedente e a expropriação da opinião de que somos usuários (mais que titulares) atingiu novos patamares. Surgiram os empresários, tanto legais quanto ilegais, da manipulação da opinião pública, de que são exemplos paradigmáticos as redes e as páginas de *facebook* e de *whatsapp* que produzem “táticas de desinformação” particularmente ativas em períodos eleitorais (...). (SANTOS, 2019, p.1)

#showdopavão, memes e guerra de narrativas

Na tarde e noite do dia 16 de junho de 2019, um grupo de perfis deu popularidade à *hashtag* #showdopavão no Twitter. O início desse movimento começou a partir da criação de um perfil chamado O Pavão Misterioso (@oppavaomisterio), que publicou boatos sobre possíveis transações monetárias ilegais entre o jornalista Glenn Greenwald e hackers russos. Essas transações seriam pagamentos, por meio da *cybermoeda* BitCoin, para que hackers invadissem o aplicativo de mensagens Telegram, usado por Moro, e coletassem as mensagens das conversas privadas. O perfil do Pavão Misterioso foi criado assumidamente com o intuito de divulgar tais “informações”, mas desde sua criação já avisava que teria vida curta.

Glenn Greenwald, principal vítima e personagem das teorias comentadas pelo perfil, é jornalista americano e um dos fundadores do The Intercept. Glenn já teve atuação reconhecida anteriormente pelo seu papel no caso WikiLeaks⁸, em que o ex-analista de sistemas da CIA Edward Snowden divulgou documentos confidenciais de operações militares norte-americanas. O jornalista já foi premiado com os prêmios Pulitzer e Esso, além de receber o Oscar pelo documentário que retratou o percurso desse trabalho de investigação acerca da espionagem das agências de inteligência dos EUA em outros países, incluindo o Brasil. Ele atualmente vive no Rio de Janeiro e é casado com o deputado federal David Miranda (PSOL/RJ), anteriormente vereador da capital carioca, e suplente do deputado federal eleito Jean Willys. Após uma série de ameaças, Jean desistiu do mandato e saiu do Brasil, com David Miranda ocupando sua cadeira na Câmara Federal.

⁸ <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/le-monde/2013/08/11/glenn-greenwald-o-blogueiro-por-tras-das-revelacoes-sobre-a-espionagem-da-nsa.htm>

A teoria sustentada nas publicações do Pavão Misterioso era de que Glenn havia pago um hacker russo para que invadisse o celular de Sérgio Moro, além de ter pago para que Jean Willys desistisse do cargo e fosse embora do Brasil. Essas afirmações eram embasadas em um suposto extrato de transações de BitCoin, que foi criticado por especialistas (e pelo próprio Glenn) por conter erros de grafia inglesa, entre outras inconsistências⁹. As publicações do perfil também acusavam Glenn de ter ligação com grupos neonazistas. Apesar de o perfil logo ter sido deletado, seus conteúdos foram propagados e alavancados na rede fazendo com que a *hashtag* chegasse ao topo dos assuntos mais comentados do Brasil no Twitter na noite de 16 de junho.

A circunstância de que um perfil desconhecido recém-criado tenha conseguido obter tamanha repercussão em um curto espaço de tempo sugere a existência de um movimento articulado para atacar a credibilidade de Greenwald, usando estratégia de desinformação. Posteriormente, alguns usuários começaram a utilizar a *hashtag* em defesa de Glenn, desmentindo as informações espalhadas e apontando as inconsistências na trama do Pavão.

Resultados

Foi coletado um total de 77.744 tweets, publicados por 18.243 usuários entre as 16h e 22h do dia 16 de junho. Foi um período de coleta de seis horas, com uma média de 12.327 tweets por hora. A partir desses dados, foi realizada a coleta de 2.596 imagens, provenientes de publicações realizadas por 4.849 usuários, entre tweets originais, retweets e respostas. O recorte de tempo mais curto se justifica para compreender a gênese do movimento. Depois desse período a tag #showdopavao continuou ativa, mas atores mais alinhados na defesa de Greenwald entraram em ação, assim como o próprio jornalista, o que deu outra dinâmica ao termo. A nós interessou o momento de gênese do debate em torno desta temática.

⁹ <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/especialistas-em-criptomoedas-apontam-inconsistencias-em-historia-do-pavao-misterioso/>.

Análise

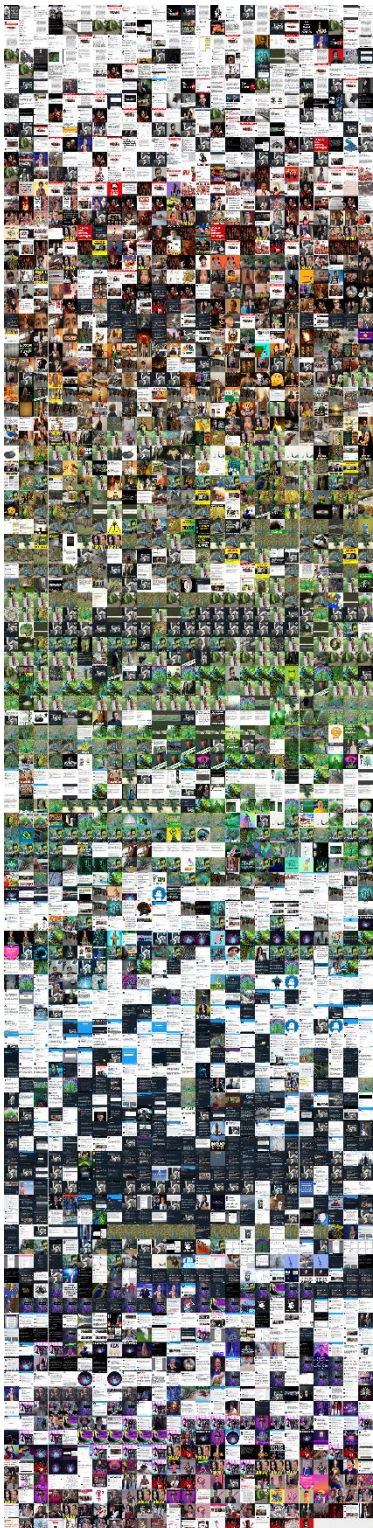


Figura 1 Visualização do tipo ImageCloud, com as imagens coletadas organizadas pelo sua cor média. Fonte: os autores.

As imagens que circularam no Twitter podem ser divididas em dois grandes grupos, visíveis na visualização de Pulsão de Imagens¹⁰. Um reúne *prints* e republicações das supostas articulações de Glenn com hackers para pagar pela vaga de deputado federal que seu marido ocupou quando o deputado eleito Jean Wyllys decidiu não assumir em função das ameaças de morte que vinha sofrendo. Esses *prints* aparecem nas regiões verdes e brancas na visualização. Nos cinzas estão imagens do jornalista ao lado de um homem com tatuagem da suástica, na tentativa de associar o responsável pelas publicações que lançaram dúvida sobre a imparcialidade da Lava-Jato com movimentos neo-nazistas.

Já o outro conjunto aglutina imagens de Glenn Greenwald associado a pavões, como se o vencedor do Oscar e do prêmio Pulitzer estivesse usando as mensagens da Lava-Jato para se promover. Fica evidente ainda nas imagens da origem do movimento #showdopavão a atuação coordenada de alguns perfis que avisam que a “Operação” iria começar, como pode ser observado nas imagens dos primeiros tweets, através da visualização da Pulsão de Imagens. Além disso, festejam o “sucesso” da empreitada. A imagem mais republicada é o *print* de um post que associa Glenn a um neonazista, anteriormente mencionado. Ela aparece em pelo menos 43 tweets diferentes. O homem na foto com uma tatuagem de suástica é Andrew Auernheimer, um hacker americano conhecido pelo pseudônimo "weev". Ele ficou conhecido por ter participado de diversas "trollagens" em diversos sites, e principalmente por ter exposto uma falha de

¹⁰ Visualização interativa disponível em: <http://www.labic.net/pulsao/?showpavao>.

segurança da empresa AT&T, que permitia o acesso a informações pessoais de vários usuários. Devido à sua atuação no caso da AT&T ele acabou sendo investigado e preso pelo FBI. Essa condenação (assim como a de outros hackers) foi criticada por Glenn Greenwald no documentário "The Hacker Wars". Glenn criticava que essa perseguição aos hackers como "terroristas globais" era uma resposta dos governos contra as mensagens políticas que alguns desses hackers propagavam.

Após ter parte da sentença revogada e sair da prisão, weev passou a adotar abertamente um discurso de ódio contra minorias, período no qual postou a sua fotografia com a tatuagem de suástica¹¹. Apesar de não podermos afirmar quando exatamente a foto de

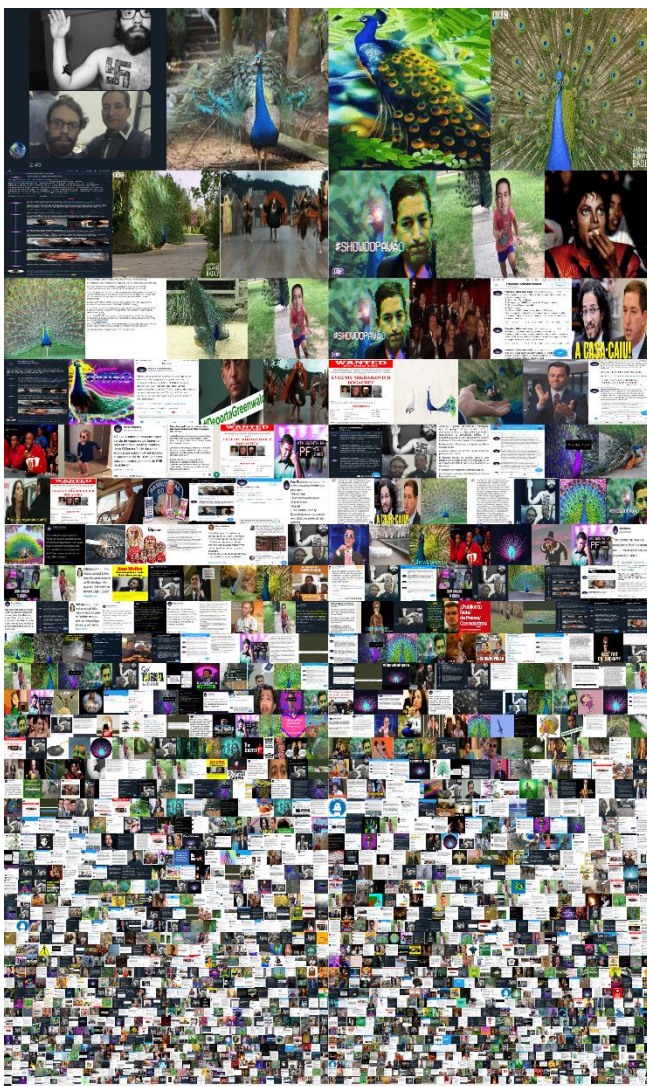


Figura 2 Visualização do tipo ImageCloud, contendo as imagens mais republicadas do conjunto, organizadas pela quantidade de republicações computadas pelo script AISI. Uma versão em alta definição pode ser acessada em: <http://extrazoom.com/image-105183>. Fonte: os autores.

Glenn com weev foi tirada, a construção da narrativa sem colocar todo o contexto histórico da relação entre ambos, é típico da era da pós-verdade. Usa-se elementos pontuais de impacto para construir uma verdade sobre o fato. Isso está presente como um todo nas publicações do tal Pavão Misterioso.

Também foram bastante republicadas montagens com a foto de Glenn editadas no estilo “vaporwave”, uma delas chegando a ser mais retuitada do conjunto. Essa estética é composta por montagens digitais que misturam elementos que fazem referência ao visual das fitas VHS e dos sistemas computacionais dos anos 90, acompanhadas por cores fortes e efeitos de *glitch*. Essa estética surgiu a partir de um ramo da

¹¹ <https://gawker.com/ipad-hacker-and-troll-weev-is-now-a-straight-up-white-1641763761>.

música eletrônica e vêm ganhando popularidade entre internautas que se identificam com a chamada nova direita. Essa apropriação da estética pela direita até mesmo ganhou uma nomenclatura própria: *fashwave*¹². A mesma montagem de Glenn com a *hashtag* #ShowdoPavão foi publicada mais de 30 vezes, assim como o meme que coloca a cabeça de Glenn no corpo de uma criança que foge de um pavão.

Tradicionalmente, nos estudos de memética, autores como Dawkins (1987) e Shifman (2013) colocam a competição como uma das características dos memes, pois eles estariam

competindo entre si em busca de visibilidade e do tempo dos indivíduos. Já nas imagens meméticas que circulam no Twitter, o alvo da competição tem um representante concreto: os Trending Topics (TT's), que funcionam como um certificado de popularidade, que legitima sua presença na rede. Isso pode ser percebido pelo fato de que a segunda imagem mais retuitada é um *print* que mostra a presença da #ShowdoPavão no primeiro lugar dos TT's. A mensagem que traz a publicação pede aos usuários que divulguem mais a *hashtag*, pois ela estaria sendo ignorada pela mídia tradicional. Aqui a disputa por atenção tenta quebrar a bolha da rede, partindo para o ataque à grande mídia. Ser o assunto mais falado do Twitter no Brasil não era o suficiente, era preciso povoar o

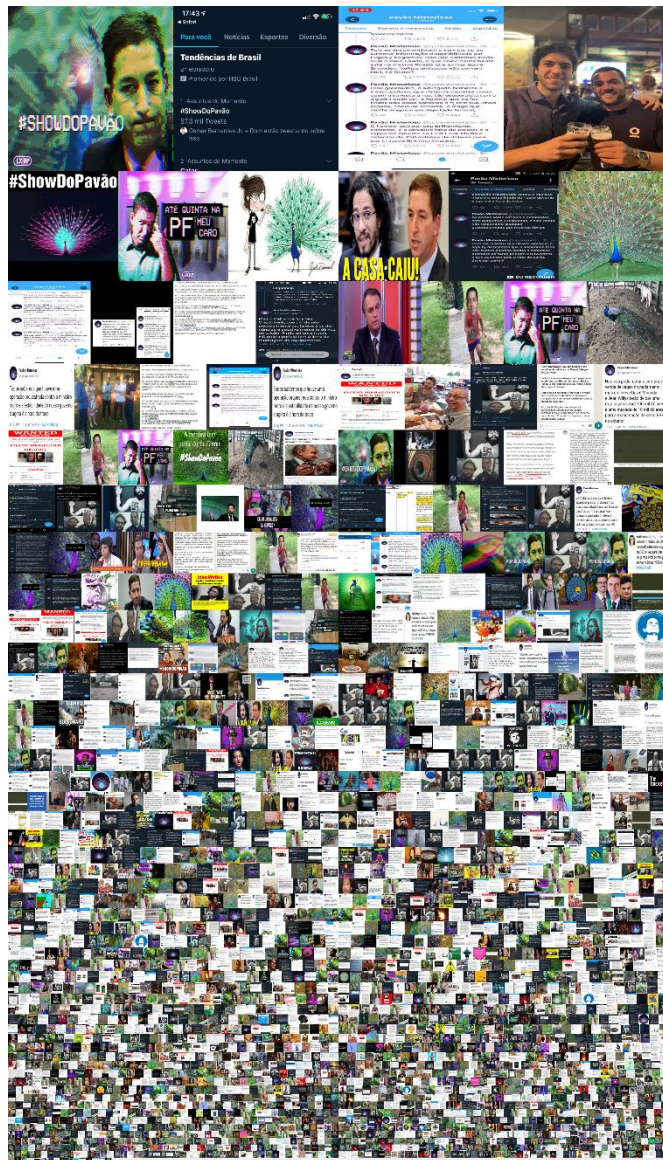


Figura 3 Visualização do tipo ImageCloud, contendo as imagens mais retuitadas do conjunto, organizadas pela quantidade de retweets individuais obtidos. Versão em alta resolução disponível em: <http://extrazoom.com/image-105182.html?s=huln50x50>. Fonte: os autores.

¹² Mais informações em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/06/o-que-e-vaporwave-a-estetica-criada-na-musica-eletronica-e-apropriada-pela-nova-direita.shtml>.

imaginário da mídia tradicional. E a viralidade em si torna um conteúdo mais atrativo: saber que muitas pessoas estão falando sobre aquele tema, faz com que outros queiram participar da conversação (SHIFMAN, 2013). Percebe-se que a preocupação também é em pautar a discussão, como um dos tweets diz, é a “Milícia bolsonarista pautando a internet brasileira”¹³. Com as reportagens do The Intercept, os críticos da Lava-Jato haviam ganho a palavra e a atenção, eram elas que ditavam a discussão. Nesse sentido, o perfil do pavão com suas teorias parece ter o objetivo de recuperar o domínio sobre a narrativa.

Bernardo Kuster (@bernardopkuster), usuário mais retuitado do conjunto, publicou as duas imagens com mais retweets: uma montagem de Glenn Greenwald e o *print* dos Trending Topics do Twitter. Ele também é o terceiro usuário mais mencionado nas publicações, perdendo apenas para o perfil oficial de Glenn Greenwald e a conta do Pavão Misterioso. Ele é um influenciador digital que ganhou fama ao fazer vídeos em defesa do presidente Jair Bolsonaro e do escritor Olavo de Carvalho. Apesar do alcance que obteve, ele publicou apenas quatro imagens, portanto, grande parte desses números podem ser atribuídos aos seguidores que ele já possuía. A conta mais ativa no período foi o @SrAndrade9¹⁴, que retuitou 75 publicações diferentes sem publicar nenhum conteúdo original, isto é: todas as suas postagens foram compartilhamentos de postagens de outros usuários. Esse é um comportamento que possui características robóticas, mesmo que ainda assim seja um usuário real.

Outros apoiadores públicos do presidente Bolsonaro a figurar entre as imagens mais compartilhadas são o comentarista político Caio Coppolla e o deputado federal Carlos Jordy (@carlosjordy), que publicou uma foto em que aparece junto ao primeiro tomando uma cerveja em “comemoração” às denúncias realizadas pelo Pavão. A foto dos dois foi a quarta imagem com mais retweets.

Podemos considerar, portanto, que a difusão da tag #showdopavão se apoia em elementos típicos da era da pós-verdade. Manipula elementos verdadeiros descontextualizados para criar uma falsa verdade sobre o fato. Esse processo segue um padrão: se apoiam em imagens, mais que em textos. E mesmo quando há textos, estes viram imagens (*prints*) e são editados sobre a superfície da imagem. Portanto, as imagens-técnicas transformadas em memes e circulantes nas redes sociais representam a própria crise por que passamos,

¹³ Disponível em: <https://twitter.com/PauloBriguet/status/1140332428743102464/photo/1>.

¹⁴ <https://twitter.com/SrAndrade9>.

uma vez que elas só buscam o divertimento. Estão conectadas a um objetivo único: comunicar uma pós-verdade da maneira mais direta possível.

Considerações Finais

No geral, o conjunto imagético estudado é composto por memes e *prints* com ar de denúncia. Não há substância para sustentar o imaginário criado. As imagens são "superfícies" rasas, no sentido mais simplório do termo: ao observador técnico não há muito ali além de pixels e cores. Não há informação. São imagens quase ocas, que servem apenas para reverberar um discurso já presente na mente dos receptores a quem foram destinadas. Essas imagens casam com a narrativa proposta pela *hashtag*: posts de um perfil anônimo criado no Twitter apenas para espalhar teorias, sem qualquer tipo de prova ou lastro.

Por mais que o The Intercept também não tenha exibido alguma "prova concreta", por assim dizer, de que realmente esteja de posse das conversas entre Moro e Dallagnol, suas reportagens sobre os vazamentos ganham valor de verdade a partir da confiabilidade do emissor: as pessoas acreditam por saberem que se trata de um veículo sério, que tem toda uma credibilidade jornalística em jogo. A confiança no emissor dá a veracidade em primeiro lugar. É justamente o ar de mistério do tal Pavão Misterioso que o coloca como uma fonte não confiável, um mero disseminador de desinformações.

De certa forma, o tweet com mais curtidas da *hashtag* (considerando também aqueles sem imagens) traz uma síntese de toda a rede que se forma em torno do Pavão: "Glenn acha que o Brasil é para amadores? Aqui não e tem CIA nem NSA ou KGB. Aqui é meme, zoeira e guarana Dolly com arroz e feijão, porra! Vai IntercePTar a mãe, canalha! #ShowdoPavão" (sic)¹⁵.

Há uma redução da preocupação com a situação em elementos de dispersão e divertimento. Todos os escândalos e investigações políticas se tornam piada. Não é por acaso que uma das imagens mais replicadas foi um *gif* do cantor Michael Jackson comendo pipoca. Esta imagem é comumente utilizada pelos usuários na internet para demonstrar que estão se divertindo com algum acontecimento, muitas vezes algum tipo de conflito. É signo que demonstra divertimento e empolgação com o que acontece.

¹⁵ Disponível em: <https://twitter.com/bernardopkuster/status/1140353777448435716>.

Nesse sentido, a política brasileira é transformada em puro entretenimento, numa grande novela memética da qual todos somos espectadores assíduos. Como Shifman (2013) ressalta, os memes permitem que mais indivíduos se interessem pelo jogo político, pois cria um elo entre o que seria particular e o político. Os indivíduos podem participar do debate público, mas sem abrir mão de elementos particulares. É possível assim, apoiar um político, mas fazê-lo utilizando sua estética favorita, como no caso do Vaporwave. Contudo, a própria autora coloca que é preciso tomar cuidado para que o uso de memes e referências à cultura pop não levem à um processo de despolitização.

Ao comentar sobre o conceito de imagens-técnicas propostas por Flusser, Ciro Marcondes Filho (2006) observa que a técnica não pode puramente substituir o texto, pelo risco de esvaziar a cultura em mero entretenimento. Dessa mesma forma, o debate político não poderia ser resumido aos memes, pois apesar de seus atributos, eles não poderiam passar as mensagens e os acontecimentos em sua plenitude. O meme requer simplicidade, e é antes de tudo, uma forma comunicacional que visa sua sobrevivência na rede. A memetização das imagens no debate político não pode tornar-se o centro do debate em si, ou o debate se desfaz em puro divertimento. Como o próprio Marcondes aponta: "Talvez uma fórmula híbrida que passe conteúdos abstratos com a ajuda de cores, imagens e sons avance no sentido daquilo que a cultura discursiva atual já não está dando conta" (MARCONDES FILHO, 2006, p. 441).

A cultura do meme nos coloca diante de uma questão: as imagens projeção das coisas não são as coisas. Portanto, para nada servem, ou servem para tudo. Pensar desse modo cria dois movimentos: o primeiro libertador - as imagens são nada, logo não tem mais amarras com o real, com a realidade - o segundo inquietante - se elas são nada, podem tudo. Não há mais limites a elas. Por isso a verdade buscada nas imagens não mais interessam. É como se de repente percebêssemos que a nossa crença nas imagens técnicas como pedaços da realidade nos servia de porto-seguro. Agora sem essas amarras, estamos à deriva. E os charlatões chafurdam nessa superficialidade.

“(...) estou dizendo o exato contrário disso. Estou dizendo que explicações "profundas" do tipo "idealismo" e "realismo" não interessam mais. Que, para a nova superficialidade (para fotos, filmes, imagens computadas), o eterno problema ("eterno" porque mal formulado) do "idealismo" e do "realismo" não tem sentido. Estou dizendo, simples e superficialmente, que fotografias são projeções de casas e que imagens computadas são projeções de aviões sobre superfícies, e que tais superfícies nada encobrem (elas encobrem o nada). "Nada" há de "real" ou "ideal" nisto. O que há é projeto

conferindo significado. O que tal discussão “profunda” ilustra, no entanto, é a tremenda dificuldade de que nos ressentimos ao emergir da profundidade para a superficialidade” (FLUSSER, 2008, p. 51-2).

Por fim, ao contrário da ave sobre a qual cantava Ednardo, não há nada de pássaro formoso nesse Pavão Misterioso.

REFERÊNCIAS

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008. 206p.

_____. **Comunicologia**: reflexões sobre o futuro. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

MANOVICH, Lev; HOCHMAN, Nadav. **Zooming into an Instagram City**: Reading the local through social media. First Monday, [S.l.], june 2013. ISSN 13960466. Disponível em: <<http://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/4711/3698>>. Acesso em: 06 jul 2019.

MANOVICH, Lev, DOUGLASS, Jeremy; ZEPEL, Tara. **How to Compare One Million Images?**. 2011. Disponível em: <<http://lab.softwarestudies.com/>>. Acesso em: 02 jul. 2019.

MARCONDES FILHO, Ciro. A comunicação como uma caixa preta. Propostas e insuficiências de Vilém Flusser. In: **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 423-456, jun./dez. 2006.

ROGERS, Richard. **Digital Methods**. Massachusetts: First MIT Press, 2015.

SHIFMAN, Limor. **Memes In Digital Culture**. Cambridge: MIT Press, 2013.

SANTOS, Boaventura Souza. **O avanço da direita e a causa oculta**. Site Outras Palavras: jornalismo de profundidade e pós-capitalismo. 2019. Artigo on line. Disponível em <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/boaventura-o-avanco-da-direita-e-sua-causa-oculta/>. Acesso em: 06 jul. 2019